

A importância da ONG “A História Mais Bonita” e sua origem.

Por: Ana Beatriz Martins Zeferino Ribeiro, Gabriela Carvalho Meza, Isabela Rosenbaum Theodoro, Isabella Gomes de Carvalho, Mariane Senne Dias.

A ONG “A História Mais Bonita” é uma entidade sem fins lucrativos, laica e apartidária, fundada em 2016 e, desde sua criação, é atuante no município de Guarulhos (SP). A idealizadora e coordenadora do projeto, Valéria Albuquerque (de personagem literária denominada Capitã), desenvolveu esta organização a qual o pilar é a contação de histórias para crianças hospitalizadas para o tratamento de hemodiálise, mas também atende inúmeras famílias na prestação de serviços sociais.



Foto: Ana Luiza Ferreira de Melo

“Como surgiu a ideia de criar a ONG e quais foram as principais dificuldades enfrentadas?”, questiona a repórter Isabella Gomes.

“A ONG começou sem a pretensão de ser uma ONG, já que sempre fui voluntária em trabalhos sociais como em casas de contação de histórias e instituições que acolhem famílias de outros estados que migram para cidades grandes, como São Paulo, para tratarem de doenças graves, visto que apenas estas têm a capacidade de oferecerem os tratamentos de saúde adequados”, conta Valéria.

Segundo a coordenadora, a iniciativa do projeto surgiu após uma experiência pessoal vivida com a sua filha que, mediante a situação de nervosismo causada por uma internação hospitalar, não soube reagir da mesma forma como quando prestou voluntariado e, devido à

ausência de voluntários para ajudá-las, ela se compadeceu de todas as famílias das quais seus filhos enfrentam internações graves e de risco, por isso retornou a assistir estas pessoas.

De acordo com Valéria, a ONG teve início sem a pretensão de ser uma ONG, devido ao seu gosto por trabalho social e por ser voluntária desde os seus doze anos de idade. Ela conta que em 2016, já era voluntária de uma outra casa e trabalhava com contação de histórias nessas casas de apoio, como Ronald McDonald, que são instituições que acolhem famílias que vêm de outros estados para tratarem de doenças graves, como câncer, em cidades grandes como SP e que tem a capacidade de oferecerem estes tratamentos de saúde.

A filha de Valéria ficou doente por uma noite e precisou passar por uma internação. “Apesar de eu já ter sido voluntária outras vezes, meu envolvimento emocional como mãe me deixou sem reação, mas ainda assim eu pensei que se estava difícil para mim com uma noite de internação, fiquei imaginando outras mulheres que saem de outros estados e deixam outros filhos, para virem para cá e tratarem de doenças com diagnósticos de grave e risco de morte. Se tivesse um voluntário naquela noite para que eu e minha filha ficássemos mais tranquilas e o tempo passasse mais rápido, mas não tinha e foi por isso que eu decidi ser essa pessoa, ser esta voluntária para outra mãe”, relata a coordenadora.

Devido a essa situação, Valéria se lembrou de uma mãe, a qual conheceu na casa de apoio em que fazia leitura para crianças, e no hospital mandou uma mensagem para ela pedindo para fazer uma leitura para o filho dela, o Samuel. A coordenadora comentou com a mulher o fato de que vinha acompanhando os quatro meses de internação do menino e ela disse que ele não falava mais. Valéria respondeu que não havia problema, e que ela só queria ajudá-lo a fazer o tempo de ele passar mais rápido e, depois que foi autorizada a visitar, foi até o hospital Samaritano onde ele estava internado.

Ao chegar ao local, foi avisada que ele estava na hemodiálise. De acordo com Valéria, ela estava muito assustada, porque era a primeira vez em que ela tinha uma iniciativa sem a ajuda de uma organização por trás, além de ser a primeira vez em que via o ambiente da hemodiálise e tornava-se ainda mais impactante por ser uma situação que envolvia uma criança. Ela com seu livro se sentou no chão entre a cama dele e a cadeira do acompanhante devido a falta de espaço na hemodiálise, então abriu livro e começou ler. E para sua surpresa, o Samuel interagiu e até riu para Valéria. Segundo ela, a interação foi muito bonita e no final a mãe veio a agradecer chorando, os médicos e enfermeiros também vieram cumprimentá-la. Ela ficou muito honrada com aquilo, não esperava aquele presente e, como gosta muito de escrever, criou uma historinha sobre uma pirata que há muito tempo não pisava em terra firme e recebeu um chamado de um príncipe rabugento que não queria conversar com ninguém, mas falou e sorriu para ela. Valéria não citou o nome dele nem o dela(capitã).

A coordenadora recebeu novamente o convite da mãe de Samuel para voltar e levou vários livros. Segundo ela, ele leu todos e queria mais, mas como não tinha mais nenhum ela leu para ele a historinha que havia feito. Começou a ler para o menino a história que haviam vivido juntos, sem citar o nome de nenhum dos dois, e no final ele estava chorando, emocionado com aquilo. Valéria contou que ficou pensando nisso, no porquê de uma criança de sete anos ter se emocionado com uma história curta e essa foi uma das lições que traz e a fazem chegar até aqui, “ele ficou feliz por ter ouvido a história mais bonita até então, que é a dele. Então a lição é essa: a história mais bonita é a nossa; apesar das dores, dos obstáculos, e

de não ser tudo da maneira que nós gostaríamos, a nossa história continua sendo a mais bonita.” diz a coordenadora.

De acordo com Valéria, a partir deste momento outras mães começaram chamá-la e então apareceram pessoas que ela nem conhecia, como o caso da Denise - uma das entrevistadas- que chegou até a ong por causa das horas complementares que ela precisava para a faculdade e soube que estavam fazendo uma campanha de doação de sangue e no fim, Denise participa até hoje, seis anos depois. A coordenadora diz que continuaram aparecendo novas pessoas e ela visitou outras crianças, que como eram poucas na época, escreveu historinhas para cada uma delas contando tudo o que haviam vivido juntas, mas que hoje como são muitas crianças não dá mais para escrever sobre todas.

Segundo Valéria, fato é que os voluntários começaram a chegar pelas histórias que ela escrevia. Samuel foi a primeira criança para quem ela leu, em 2016, e em 2018 formalizaram a ONG. Hoje são uma instituição formalmente constituída, sem fins lucrativos, laica e apartidária.



Foto: Ana Luiza Ferreira de Melo

E quais foram as dificuldades enfrentadas no começo?

Para a Valéria, as dificuldades são as de sempre, como por exemplo, a escassez de recursos. Ela sente muita dificuldade de fazer campanha de arrecadação financeira devido a muito preconceito da população brasileira contra organizações sociais.

(Denise) “Só para fazer um gancho, explica para elas a dificuldade que você tem com a parte financeira, porque no início não tinha esse constrangimento, já que os nossos projetos não precisavam de apoio financeiro”

(Valéria) "Nós sempre tivemos esse constrangimento né Denise (risos), mas acabamos achando um caminho para conseguirmos o dinheiro. Hoje a gente se sustenta porque tudo custa

né? Tínhamos muita dificuldade de receber ajuda, nunca recebemos apoio de nenhum ente político e, muito esporadicamente, uma ou outra pessoa foi nos ajudando. Contamos bastante com doações de livros, utensílios domésticos, alimentos, mas sempre quando fazemos campanhas, já que cotidianamente essas doações não são constantes."



Foto: Ana Luiza Ferreira de Melo

Quais são os projetos atuais da ONG?

De acordo com Valéria, na medida em que foram crescendo, a contação de histórias era a atividade principal e o carro chefe até hoje, mas quando formalizaram a ONG, ela teve muito medo por não saber se iria conseguir conciliar com o seu trabalho, pois mesmo não dizendo, o bastidor de ONG é uma loucura. Então quando perceberam que não iriam conseguir dinheiro, decidiram fazer uma campanha de arrecadação de livros infantis para ajudá-los na contação de histórias no hospital, já que focavam em hemodiálise. Porque segundo a coordenadora, não é fazendo uma crítica, mas os voluntários vão de quarto em quarto e se despedem sem estabelecer nenhum vínculo com a criança, ao contrário da hemodiálise, que são sempre as mesmas crianças. Então os poucos livros que eles tinham as crianças já conheciam. Por isso, ela teve a ideia de fazer a arrecadação já que livro infantil é caro, só que em vinte dias chegaram mais de 1 200 livros, o que para elas foi uma loucura. Como não tinham sede de visitação, ficou tudo no apartamento de Valéria até uma outra voluntária, a Mari, deu a ideia de doarem os livros para uma escola estadual e, como ela (Valéria) é formada em Design de Interiores, pensou que além de doar também poderiam reformar uma sala de escola pública. Queriam fazer uma biblioteca de ouro, porque para elas não adianta só chegar com os livros lá para uma população que não tem o costume de ler, mas se a sala for atraente os alunos vão querer ficar nela à ponto de não quererem sair mais.

Segundo Valéria, na época os voluntários duvidaram dela, porque eles pensavam da seguinte maneira “não tinham nem vinte reais na conta, como iriam reformar essa sala de escola e ainda contratar um arquiteto?” Mas ela falou que iria fazer e apareceu uma arquiteta, e aí eu comecei a escrever o projeto e sair a procura, até que achou uma ONG que portava recursos

financeiros para ONG's de projetos pequenos que não tinham auxílio. Então ao entrar no site, ela se cadastrou, participou de uma seleção e ficou três meses em contato com o pessoal, até que um dia a chamaram e disseram que escolheram o projeto da biblioteca e que iriam dar esse benefício em forma de apresentação beneficente do fundador deles.

Valéria conta que era o Fábio Porchat e que ficou perplexa com onde havia chegado com seu projeto. E que foi assim a primeira biblioteca, para depois surgir um segundo projeto, “A biblioteca mais bonita”, em que a dinâmica é de entrar em contato com um arquiteto, escolher uma escola e a ela entrar com o espaço para a reforma. A primeira foi com a ajuda do Fábio Porchat, com ele veio a Leroy Merlin e assim foi acontecendo tudo. A primeira foi praticamente toda com parceria, a ong colocado pouco dinheiro.

No ano de 2019, a ong recebeu um pedido de uma mãe, através de um parceiro deles, e ela disse que a irmã trabalhava na secretaria da educação de Guarulhos e que conheceu uma mãe que precisava de uma cadeira especial, por causa de seu filho, e perguntou se não poderiam ajudar. Valéria pensou nas campanhas de arrecadação de ‘lacs’ e conseguiram a cadeira, que era mais cara por ser para paralisia cerebral. No dia em que foram entregar a cadeirinha, a coordenadora perguntou para a mãe quais seriam as dificuldades dela como mãe de uma criança com deficiência, e ela respondeu que era muito difícil o leite, que ele consegue na escola, mas como ele é deficiente quase não vai para lá por ficar muito tempo internado, além da fralda, que as vezes o postinho dá, as vezes não e se ele cresce um pouco não é possível mudar o tamanho dele, porque precisa fazer outro cadastro. Isso chocou bastante, porque ela disse que devido a isso as mães nunca trocam a numeração das fraldas dos filhos no postinho, aí elas vão trocando entre elas e várias vezes algumas crianças acabam ficando sem.

Como era final de ano, alguns estudantes universitários que estavam desesperados por horas complementares (risos) trouxeram o leite e a fralda para eu assinar o termo para eles. Aquilo foi uma loucura, mal cabia no carro que nós tínhamos pegado para carregar (risos). Peguei o leite e as fraldas do tamanho do Davi, esse menino da cadeira que eu havia comentado, e entreguei para a mãe dele, mas ainda assim sobraram muitas fraldas aqui na minha casa.

No ano seguinte, veio a pandemia e então decidi entregar essas fraldas para as mães de crianças com deficiência e até pedi, para entre elas, divulgarem que eu estava distribuindo essas fraldas. Foi assim que surgiu o nosso terceiro projeto, o “Tamo junto”, no qual já conseguimos ajudar mais de trinta famílias em que, a maioria delas, tinha crianças com deficiência e os demais em extrema situação de vulnerabilidade, que até pedimos para as escolas parceiras da biblioteca nos indicar quais são os alunos que precisam deste acolhimento. Hoje temos somente quinze famílias que abastecemos mensalmente com cesta básica, fraldas, leite, absorvente feminino, itens de higiene, itens de limpeza etc.

Fazemos aquilo que chamamos de “custo zero”, porque ainda que a gente tenha o bazar – que eu vou chegar nele-, as roupas que recebemos são triadas pela Denise e por mim, onde separamos as roupas que podem ir para o bazar e as que precisam de algum tipo de manutenção, já que após a manutenção nós enviamos para estas mães no "bazar do custo zero", em que elas pegam o que quiserem. Nesse nosso terceiro projeto para estas famílias, também separamos utensílios domésticos, sapatos etc.



Foto: Ana Luiza Ferreira de Melo

Então resumindo, as dificuldades são essas de lidar com a desconfiança da própria cultura brasileira, até porque se não houvesse essa desconfiança, quem sabe as ONG's não receberiam mais doações e não estou falando só de dinheiro, mas as pessoas também se comunicam muito pouco com o trabalho social e, quando há doadores, poucos são os conscientes que doam roupas e utensílios domésticos que possam ser reaproveitados. Outra dificuldade é a escassez de recursos financeiros, além da pouca divulgação do nosso bazar, que ajuda a nos mantermos.

(Gabriela) Voltando no assunto do trabalho da faculdade, em que momento você decidiu se tornar uma voluntária fixa no projeto Denise?

(Denise) “Como a Valéria falou, eu já estava finalizando o meu curso, sou formada em administração, e estava procurando algo que me desse as horas complementares e, na faculdade em que eu estudava, eu consegui uma bolsa através do Fies social, no qual você participa de projetos sociais e não paga a mensalidade por isso. Dentro da faculdade, a Roberta (reitora), indicava ONG's e projetos em que poderíamos fazer as horas complementares e, em uma dessas indicações, me falaram que se eu doasse sangue eu conseguiria as horas.

Aí quando eu fui ao Hospital Samaritano para doar sangue, conheci “A história mais bonita” e descobri o trabalho da ONG, porque eu havia ido pelas horas complementares para correr assim como todo estudante universitário no final do curso (risos). Só que aí eu me encantei e, quando estava sentada lá no sofá, entrou uma embarcação que tinha pirata, fada, bruxinha, borboleta, o Thor, tinha de tudo (risos), e eu fiquei impressionada porque mesmo tendo feito outros projetos, eu nunca tinha visto nada tão lúdico e que eu amo, até porque eu sou a princesa na embarcação e sinto que estou criando a minha infância agora.

Enquanto a Valéria estava atendendo as crianças, eu lembro de chamar a “boneca Nina” para explicar que eu precisava de horas complementares e perguntar quem eles eram. Quando me contaram os projetos eu peguei o contato e comecei a participar de outros projetos para ter mais horas, só que nisso eu vi outro projeto que nós não temos mais que se chama “História de Rua” que, caso vocês entrem nas redes, vão ver várias fotos com moradores em situação de rua, e foi o que me encantou, porque eu gosto de estar no meio das pessoas. Então eu fui fazer esse projeto pelas horas, mas faltava um coordenador que levasse esse projeto para frente, que administrasse.

No dia do meu aniversário eu recebi um convite para comemorar e, nesse convite, eu recebi outro nada intencional (risos) com a proposta de ser coordenadora e estar à frente deste projeto. Foi assim que eu entrei e estou até hoje.

(Valéria) “Como a Denise disse, nós não temos mais o projeto “História de Rua”, paramos com ele na pandemia porque a população de rua triplicou e, infelizmente, não tínhamos uma equipe grande o suficiente para trabalhar com todas essas pessoas”.

(Denise) “Além disso, os poucos voluntários que nós tínhamos se juntavam ao projeto por gostarem da parte lúdica com as crianças”.



Foto: Ana Beatriz Martins Ribeiro